

1

A minha mãe ergueu os olhos para as estrelas. Havia muitas no céu. Levantou o braço. A mão baloiçou enquanto ela escolhia uma. O dedo apontou.

— Lá está o meu pequeno Henry. Olha só para ele.

Eu era o seu outro pequeno Henry, ali sentado ao lado dela, no degrau, e olhei. Olhei e odiei-o. Ela abraçava-me, mas contemplava o seu menino cintilante. Pobre de mim ali no degrau, pálido e de olhos vermelhos, coberto de mazelas e feridas que pareciam as costuras de um boneco. Tinha o estômago a gritar por comida e pés descalços que doíam como os de um homem muito, muito velho. Eu, um péssimo substituto do pequeno Henry que fora bom de mais para este mundo, o Henry que Deus quisera para si. Pobre de mim.

E pobre da minha mãe. Sentava-se naquele degrau e noutros degraus decrepitos e via os seus outros bebés juntarem-se a Henry. A pequena Gracie, Lil, Victor, um outro pequeno Victor. Estes são os que eu recordo. Houve outros, sem contar com os recém-nascidos que foram para o Limbo; chegaram e partiram antes sequer de terem nome. Deus levou-os todos. Precisava deles lá no alto para iluminar a noite. Mesmo assim, deixou-lhe muitos. Os feios, os barulhentos, os que Ele não quis — os que não teriam nunca a barriga cheia.

Pobre mãe. Não tinha muito mais de vinte anos quando ergueu os olhos para o pequeno Henry cintilante, mas era já uma mulher velha, decadente, irremediavelmente estragada, boa para parir mais alguns bebés e depois pronto.

Pobre mamã. A mãe dela era uma bruxa velha, de pele curtida, que, mesmo assim, não devia ter sequer quarenta anos. Dava-me cotoveladas, como que para certificar-se que eu estava mesmo ali.

— És grande — dizia.

Lançava-me olhares acusadores e examinava-me, ansiosa por reaver uma parte de mim. Sempre embrulhada no seu xaile negro, cheirava sempre a carne e arenques podres — era um suor que lhe cobria a pele. Sempre com um livro debaixo do xaile, as obras completas de Shakespeare ou qualquer coisa de Tolstoi. Chamava-se Nash, mas não sei que nome usava antes de se ter casado com o marido, já morto. Nunca ouvi ninguém tratá-la pelo nome de baptismo. Sempre a conheci por vovó Nash. Não sei de onde ela era; não me lembro de lhe ouvir qualquer sotaque. Embrulhada no xaile negro a cheirar a suor, era igual às mulheres de todos os séculos passados. Talvez tivesse saído de Roscommon ou de Clare, expulsa pelo fedor das culturas apodrecidas, e, depois de caminhar por montes e vales até avistar o fumo corrosivo que pairava sobre o amontoado de casinhotos insalubres com telhados tortos que constituía a nossa linda cidade, tivesse penetrado nela ao longo do rio, embrenhando-se cada vez mais na porcaria e na trampa, na algazarra e no dinheiro. Moçoila do campo, que nenhum homem beijara, em quem nenhum homem tocara, sentiu medo e excitação. Deu voltas e mais voltas à cidade e viu os quatro cantos do Inferno. O seu coração chorava por Leitrim, mas as mamãs, felizes da vida, puxavam-na para Dublin. Deitou-se no chão e gritou aos marinheiros que fizessem fila. Franceses, dinamarqueses, chineses, ianques. Não sei. Uma moçoila do campo, uma garota ao abandono, quase uma criança, cheia de fome. Deixara a família morta numa valeta, com os queixos verdes do suco das ervas, os ventres prestes a explodir sob o sol do meio-dia. Não sei nada disto. Se calhar, nascera em Dublin. Ou então era estrangeira. Uma órfã criada num asilo de pobres, uma freira que quebrara os votos. Uma mulher trazida da Austrália, demasiado feia e ruim, mesmo para a Terra de Van Diemen. Não sei. Quando a vi, transformara-se numa bruxa. Sempre com o nariz enfiado num livro, à procura de feitiços. Atirava o rosto para a frente com uma convicção ancestral, conhecia todos os pensamentos ocultos por trás do meu olhar. Sabia até onde pode

descer a maldade. Fitava-me com os seus olhos de canibal e eu fugia a sete pés para a latrina. Os olhos dela fechavam a porta com estrondo atrás de mim.

E que é que sei sobre a minha pobre mãe? Muito pouco. Sei que se chamava Melody Nash. Um lindo nome, tão prometedor. Sei que nasceu em Dublin e viveu em Bolton Street. Trabalhou na fábrica de contas de rosário de Mitchell, em Marlborough Street. As contas eram feitas de chifre de vaca. De manhã à noite, seis dias por semana, ela suave e cansava a vista para glória de Deus e de Mitchell. Fazia buraquinhos nas contas para servir Jesus. Os dedos sangravam-lhe, os olhos ardiam-lhe. Antes de se ter cruzado com o meu pai.

Melody Nash. Penso no nome e não vejo a minha mãe. Melody, a melodiosa. Ei-la que saltita, que ri, e os seus olhos negros brilham de felicidade. O seu cabelo negro-azulado dança, os seus pés deslizam sobre as pedras da calçada. A professora gosta dela, ela aprende depressa. É rápida a fazer contas de somar, desenha lindas letras arredondadas. Tem um grande futuro pela frente, vai casar com um homem importante. Vai ter carne da boa todos os dias e uma casa com retrete. Afastem-se, lá vem a Melody melodiosa, afastem-se, lá vem a melodiosa Melody.

Que idade teria ela quando descobriu a verdade, quando se apercebeu de que não ia haver música na sua vida? O nome era uma mentira, um feitiço que a bruxa lhe lançara. Tinha doze anos quando entrou na fábrica de terços de Mitchell e dezasseis quando tropeçou com o meu pai. Quatro anos inteiros a fabricar contas, metida num buraco escuro, a franzir os olhos, a contá-las uma por uma, a retalhar as mãos. As operárias cantavam enquanto trabalhavam. *Bela sonhadora, acorda a meu lado e sorri.* Mitchell queria que elas rezassem. *A luz das estrelas e as gotas de orvalho esperam por ti.* Seria atraente, sedutora? Os seus dentes brancos brilhariam quando erguia a cabeça, juntamente com as outras raparigas? *Bela sonhadora, rainha desta canção.* A mulher sentada no degrau não tinha dentes, nada brilhava na sua pessoa. Como eu, não chegara a ser criança. Não havia crianças em Dublin. Nos bairros pobres, as promessas não se cumpriam. Ela nunca fora bonita.

Tropeçou com o meu pai. Melody Nash conheceu Henry Smart. Tropeçou literalmente nele, e fê-lo cair. Ela tinha metade do peso

dele, metade da sua altura, era seis anos mais nova, mas ele estatelou-se ao comprido como uma árvore cortada. Amor à primeira vista? A beleza dela tê-lo-ia feito desfalecer? Nada disso. Ele estava bêbedo que nem um cacho e não tinha uma perna. Apoiava-se numa enorme pá que encontrara atrás de uma porta aberta, algures no caminho que vinha a percorrer quando Melody Nash tropeçou nele e o fez estatelar-se em plena Dorset Street. Era domingo. Ela vinha da missa das oito e meia, ele tentava libertar-se do sábado. Sem uma perna e sem sentido de orientação, bateu com a testa na calçada e ficou imóvel. Melody deixou cair o terço que ela própria fabricara e contemplou o homem. Não conseguiu ver-lhe o rosto; estava colado ao chão. Viu umas costas enormes, umas costas do tamanho de uma cama, dentro de um casaco tão velho e encardido como as pedras que o rodeavam. Mãos do tamanho de pás na ponta dos braços estendidos, e uma perna. Uma só perna. Melody chegou mesmo a levantar o casaco para ver melhor.

— Onde é que se meteu a sua perna, meu senhor? — perguntou.

Levantou um pouco mais o casaco.

— Vossemecê está morto? — perguntou.

O homem gemeu. Melody largou o casaco e recuou um passo. Olhou em volta, à procura de auxílio, mas a rua estava deserta e silenciosa. O homem tornou a gemer. Encolheu os braços e tentou soerguer-se. Em seguida, apoiado num só joelho, rastejou até ao passeio, por cima da sarjeta. Melody apanhou a pá do chão. Ele gemeu mais uma vez e vomitou. A bebida de um dia e meio jorrou-lhe da boca como água negra puxada por uma bomba. Melody afastou-se do regato. O jorro cessou. Ele limpou a boca com a manga mais suja que Melody alguma vez vira. Esticou a mão. Melody percebeu imediatamente que ele queria a pá. Estendeu-lha. Podia agora examinar-lhe o rosto. Não era lavado há séculos, e os salpicos e fios de sangue davam-lhe a aparência de um bicho acabado de abater. Mas não era feio, concluiu. O quadro que se oferecia ao seu olhar — o casaco, a cerveja preta vomitada, a ausência da perna — não a deixava perder a cabeça e chamar-lhe bonito, mas não era feio, lá isso não. Ele agarrou a pá e pôs-se de pé à força de braços. Melody deu mais um passo atrás para manter as distâncias. Ele fitou-a, mas ela não sentiu medo.

— Desculpe, senhor — disse.

Ele sacudiu a cabeça.

— Viste por aí uma perna? — perguntou.

— Não.

— Uma perna de madeira.

— Não.

Ele pareceu desapontado.

— Quer dizer que desapareceu mesmo — disse. — Ontem, ainda a tinha.

Nessa altura, Melody disse algo que os lançou no caminho em direcção ao casamento e a mim.

— Mesmo sem ela, vossemecê é um homem e peras.

Só então é que ele olhou para Melody com olhos de ver. Ela só dissera aquilo para confortá-lo, mas os homens pernetas agarram-se a tudo.

— Como é que te chamas, miúda? — perguntou.

— Melody Nash — respondeu ela.

E Henry Smart apaixonou-se. Apaixonou-se por aquele nome. Com um nome assim a seu lado, seria capaz de encontrar a perna de madeira, uma nova perna cresceria do coto, ele caminharia em passadas largas durante o resto da vida, cruzando portas sempre abertas. Encontraria dinheiro na rua e galinhas com três patas. Nunca mais teria de suar. Henry Smart, o meu pai, olhou para Melody Nash. E viu aquilo que desejava ver.

Eu sei qual era a aparência de Henry Smart. Ela descreveu-mo, sentada no degrau, enquanto olhava para um extremo e para o outro da rua, à espera dele. E também mais tarde, quando ele partira de vez, mas ela continuava a olhar e a esperar. As suas descrições, as suas palavras, não mudavam. Nunca deixou que a solidão, a fome ou a tristeza alterassem a sua história. O seu cérebro começou a divagar e depois perdeu o tino, mas ela nunca esqueceu a sua história, a história de como tropeçara com Henry Smart. Era imutável. Eu sabia qual a aparência dele. Mas e ela? Qual era a aparência de Melody Nash? Tinha dezasseis anos. É tudo o que sei. Vejo-a mais tarde, passados somente cinco ou seis anos. Uma eternidade. Uma velha. Gorda, disforme, triste. Melody Smart. Vejo aquela mulher sentada no degrau e tento fazê-la recuar seis anos, tento que a ida-